

Entenda como a eleição nos EUA pode afetar a economia brasileira

Tendências Consultoria projeta ambiente internacional mais instável caso ocorra mudança no espectro político dos Estados Unidos

Por **Marsílea Gombata** — De São Paulo

02/04/2024 05h00 - Atualizado há um dia



Alessandra Ribeiro: "A mudança na ordem internacional e eleição de Trump poderiam se reverter em maior protecionismo" — Foto: Leonardo Rodrigues/Valor

As incertezas em torno da eleição americana e do cenário político no Brasil elevam os riscos para a economia brasileira, alerta a edição de março dos Cenários de Longo Prazo, da Tendências Consultoria. Ao ressaltar a potencial mudança política nos Estados Unidos, a Tendências prevê um ambiente internacional mais instável. Nele, o equilíbrio do Brasil entre os dois polos representados por EUA e China deve ser mais desafiador.

O Cenário de Longo Prazo da Tendências traz, a cada três meses, previsões para a economia brasileira. A edição de março é a primeira de 2024. Nesta edição, afirma Alessandra Ribeiro, diretora de macroeconomia e análise setorial da Tendências, a questão internacional é a principal variável.

"A mudança na ordem internacional e uma eleição do Trump nos EUA poderiam se reverter em um cenário de maior protecionismo nas principais economias. Isso limitaria o crescimento da economia mundial", diz Ribeiro, que é a autora do documento.

O retorno do ex-presidente americano também teria reflexos importantes para o Brasil. "Há importantes riscos para a economia brasileira, como protecionismo e política de redução de impostos resultando em aumento do déficit fiscal americano, maior inflação e pressão sobre os juros, afetando, portanto, o Brasil pelos canais financeiro e de comércio", afirma.

A seguir, destaques dos cenários de longo prazo da consultoria.

Cenário básico

O cenário básico prevê, no curto prazo, um pouso suave da atividade econômica nos países ricos, permitindo flexibilização monetária gradual. Contabiliza também maior grau de protecionismo, decorrente da eleição de Trump, o que traria consequências negativas para a eficiência produtiva e maior expansão do PIB global.

"O mundo que sai da pandemia e emerge nesse cenário de rivalidade geopolítica é de taxa de juros de equilíbrio em patamar mais elevado do que aquele que vigorou entre a crise de 2008 e o choque decorrente da pandemia", afirma Ribeiro no documento. O cenário básico traz também apreensões no âmbito doméstico frente à fraqueza da coalizão governista e do capital político limitado do presidente na definição da agenda legislativa.

As projeções desse cenário refletem rivalidade crescente entre Executivo e Legislativo, com a proximidade do calendário eleitoral. Incorporam ainda pragmatismo político na condução da política econômica. Nele, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, tem prestígio político e "autonomia quanto à pressão da esquerda por mudanças na gestão econômica".

Cenário básico prevê, no curto prazo, pouso suave da atividade nos países ricos

Nas eleições municipais de outubro e na da Câmara e do Senado, em 2025, cresce a representação da centro-direita, o que pode resultar em agenda econômica marcada por dificuldades de gestão fiscal, aponta a projeção.

Neste cenário, que tem 65% de chance de ocorrer, a economia do país cresce em média 2,3% entre 2024 e 2033, ante 2,4% projetados em dezembro pela consultoria.

O crescimento médio da economia mundial no período é de 2,8%.

Cenário pessimista

Nesse cenário, o contexto global fica mais instável dada maior resiliência inflacionária que demandará políticas monetárias restritivas por mais tempo. Ajudam a compor o ambiente mais adverso a desaceleração mais pronunciada da economia chinesa e riscos geopolíticos mais acentuados.

"A força da atividade econômica dificulta a acomodação das expectativas inflacionárias por parte dos agentes econômicos, o que demandaria, então, novo aperto monetário", diz o texto. "Erros de condução da política monetária decorrem do quadro geopolítico mais adverso, marcado pelo acirramento das rivalidades entre China e EUA."

A crise da arena internacional traz novamente aumento da inflação global, decorrente do aumento dos preços das commodities devido a conflitos na Europa Central e Oriente Médio, assim como menor eficiência na produção em meio ao movimento de reshoring.

No âmbito doméstico, ocorre corrosão da popularidade presidencial, alerta a Tendências. Diante desse ambiente, há maior dificuldade para o andamento da agenda fiscal no Congresso, gerando resultados fiscais bem abaixo das expectativas do mercado, o que amplia a percepção de risco.

A insegurança política, no cenário pessimista, gera voluntarismo na agenda econômica, com políticas fiscal, monetária e de crédito via bancos públicos sendo os principais canais de materialização. "Na tentativa de garantir algum impulso econômico, há maiores mudanças na condução da política econômica, gerando desequilíbrios mais profundos", diz o texto.

Este é o cenário de longo prazo que mais sofreu revisões em relação à última edição, justamente pela cena internacional turbulenta e voluntarismo na condução da política econômica. "[Contudo], as projeções do cenário pessimista passam a incorporar os ganhos da reforma tributária no consumo, ainda que seus efeitos positivos sejam diminuídos por causa do quadro macroeconômico instável e de um processo de regulação marcado pela manutenção de privilégios setoriais", afirma o texto.

Na gestão da política fiscal, a falta de governabilidade frustra os planos de arrecadação do governo, que faz mudanças radicais nas metas de política fiscal, alimentando nova onda de desconfiância. "O cobertor curto acaba aparecendo nas questões fiscais, onde vemos maior risco", diz Ribeiro.

Essa insegurança política, ressalta o documento, afeta a condução da política monetária, especialmente a partir da transição da presidência do Banco Central.

Essa insegurança política, ressalta o documento, afeta a condução da política monetária, especialmente a partir da transição da presidência do Banco Central.

"Os agentes de mercado passariam a precificar a autoridade monetária menos ambiciosa com a questão inflacionária expressa em mudanças execução de política monetária mais frouxa e alteração nas metas de inflação", diz o texto.

Nesse cenário, que tem 25% de chance de ocorrer, a economia brasileira cresce 1,7% entre 2024 e 2033, ante previsão de 1,5% previsto em dezembro.

A taxa de crescimento médio do PIB global é de 2,3%.

Cenário otimista

A cena otimista deste cenário é a mesma do básico, ou seja, com perda de tração da economia global no curto prazo e um contexto de maiores incertezas diante da perda de hegemonia dos EUA e crescente rivalidade com a China.

A maior mudança, contudo, vem a da política externa brasileira, que investe na estratégia de extrair ganhos dos dois polos hegemônicos, isto é, China e EUA.

"O resultado mais efetivo dessa estratégia é a costura do acordo comercial entre União Europeia e Mercosul no curto prazo", afirma o texto.

No plano doméstico, no entanto, há esfriamento substantivo da polarização política, o que diminui as divisões na coalizão governista. A ampla coalizão de governo gera maior apoio à agenda de recuperação das receitas, com efeitos positivos para o equilíbrio fiscal e macroeconômico.

Os países mais ricos lutariam para calibrar a política monetária para garantir a convergência da inflação às metas no curto prazo, segundo a Tendências. O processo de desinflação desse cenário ocorre em paralelo às pressões fiscais, resultado dessa era protecionista, afirma o documento.

No plano doméstico, a ampla coalizão de governo passa a dar apoio sistemático à agenda de recuperação da arrecadação, crucial para a estratégia fiscal do governo diante da expectativa de crescimento real das despesas.

"O sucesso legislativo governista mantém intactas as metas de superávit primário ao longo do próximo ciclo eleitoral, com efeitos positivos para o equilíbrio fiscal e macroeconômico", diz o texto. "Sob esse choque positivo com a política fiscal, as expectativas de mercado apresentam comportamento mais favorável, com efeitos positivos para os ativos domésticos e crescimento da economia brasileira."

A Tendências acrescenta ainda que, no cenário otimista, os resultados das eleições municipais são mais equilibrados entre esquerda e direita, o que facilita a manutenção da base aliada, prevê maior apoio ao Ministério da Fazenda, e reduz os ruídos sobre política monetária.

O nome escolhido para assumir o BC é bem recebido pelo mercado, reforçando a queda do prêmio de risco país, e as taxas de inflação chegam ao centro da meta, levando a taxa de juros para perto do nível de equilíbrio.

Nesse cenário, a economia brasileira tem crescimento médio de 3,1% até 2033, mesma projeção de dezembro. A economia global, por sua vez, cresce 2,8%, assim como no cenário básico.